

MICROSCÓPIO

A CRISE FRANCESA

Depois de uma crise que durou vinte dias, tem a França novo govêrno, ao qual parece assegurada a necessária maioria. Seis tentativas falharam, antes desta.

A primeira observação é que, se o país esteve quase três semanas sem gabinete, não esteve, como imaginam os presidencialistas, sem administração e sem govêrno. A administração continuou a fazer-se de acôrdo com o orçamento e as leis vigentes e o govêrno esteve personificado no Presidente da República, cujo papel assume grande importância, justamente, por ocasião das crises ministeriais.

A segunda observação é que do novo gabinete fazem parte agora os socialistas que estavam ausentes do gabinete anterior, embora o houvessem apoiado até o dia em que lhe provocaram a queda. Era natural e quase necessário que assim acontecesse. Haviam êles discordado do govêrno por uma questão de politica financeira. Cumpria-lhes, pois, assumir a responsabilidade da situação que haviam criado ou impondo a politica que tinham preconizado, ou rendendo-se à necessidade de atenuá-la, senão à impossibilidade de praticá-la. Foi esta última hipótese que ocorreu. Radicais fora do govêrno, tiveram de transigir, pa-